

## AUTORRETRATO



Escrevo há cerca de oitenta anos. Primeiro cartas, depois poemas e discursos, mais tarde histórias e artigos e livros, agora apontamentos.

A atividade da escrita tem sido vital para mim; ajuda-me a dar sentido às coisas e a continuar. Contudo, a escrita brota de uma coisa mais profunda e mais geral — do nosso relacionamento com a linguagem enquanto tal. E o assunto destes breves apontamentos é a linguagem.

Começamos por examinar a atividade de traduzir de uma língua para outra. Hoje em dia, a maior parte das traduções são técnicas, enquanto eu me refiro a traduções literárias. A tradução de textos que têm que ver com a experiência humana individual.

A visão convencional da tradução consiste em estudar as palavras de uma página numa língua e depois vertê-las para outra língua numa outra página. Isto envolve aquilo a que é costume chamar-se uma tradução palavra por palavra, depois uma adaptação para respeitar e incorporar a tradição e as regras da segunda língua e, finalmente, uma outra reformulação para recriar a “voz” do texto original. Muitas, talvez a maior parte, das traduções seguem este procedimento e os resultados são meritórios mas de segunda categoria.

Porquê? Porque a verdadeira tradução não é um processo binário entre duas línguas, mas sim um processo triangular. O terceiro vértice do triângulo é aquilo que estava por trás das palavras do texto original antes de ter sido escrito. A verdadeira tradução exige o regresso ao pré-verbal.

Lemos e releemos as palavras do texto original para penetrarmos através delas, para alcançarmos, para tocarmos a visão ou a experiência que as suscitou. Depois, recolhemos o que lá encontramos e pegamos nesta “coisa” trémula e quase desprovida de palavras e colocamo-la por trás da língua para a qual ela deve ser traduzida. E agora a tarefa principal é persuadir a língua de chegada a acolher da melhor maneira a “coisa” que está à espera de ser formulada.

Esta prática recorda-nos que uma língua não pode ser reduzida a um dicionário ou a uma acumulação de palavras e de expressões. E também não pode ser reduzida a um armazém das obras que nela foram escritas.

Uma língua falada é um corpo, uma criatura viva, cuja fisionomia é verbal e cujas funções viscerais são linguísticas. E o lugar onde esta criatura reside é tanto o que não se diz quanto o que se diz.

Consideremos a expressão Língua Materna. Em russo o termo é *Rodnoi-yazyk*, que significa a Língua Mais Próxima ou que nos é Mais Cara. Mais um pouco e chamava-se-lhe Querida Língua.

A Língua Materna é a nossa primeira língua, a primeira que ouvimos em crianças das bocas das nossas mães. Daí a lógica do termo.

Menciono-o agora porque a criatura da linguagem que estou a tentar descrever é, sem dúvida, feminina. Imagino o seu centro como um útero fonético.

Dentro de uma Língua Materna estão todas as Línguas Maternas. Ou, dito de outro modo: cada Língua Materna é universal.

Noam Chomsky demonstrou brilhantemente que todas as linguagens — e não apenas as verbais — têm certas estruturas e procedimentos em comum. E portanto a Língua Materna relaciona-se (rima com?) as linguagens não-verbais — tais como as linguagens gestuais, do comportamento, da orientação espacial.

Quando desenho, tento revelar e transcrever um *texto* de aparências que sei já ter o seu lugar indescritível mas seguro na minha Língua Materna.

Palavras, termos, frases podem ser separados da criatura da sua linguagem e usados como simples rótulos. Ficam então inertes e vazios. O uso recorrente de acrónimos é um exemplo simples disso mesmo. Hoje em dia, a maior parte

